

Maria Augusta Rui Barbosa e as mulheres na história da Primeira República no Brasil

Maria Augusta Rui Barbosa and women in the history of the First Republic in Brazil

Recebido em: 01/09/2022

Aprovado em: 25/08/2023

Anna Gabriela Pereira Faria

Cristiane Silva Furtado

Gabriela Lúcio de Sousa

[Sobre os autores >>](#)

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar a trajetória das pesquisas sobre Maria Augusta Rui Barbosa desenvolvidas no âmbito do Museu Casa de Rui Barbosa, apresentando os resultados e desafios de cada uma das etapas do desenvolvimento, enaltecendo a importância de aliar os caracteres técnico e acadêmico às atividades desenvolvidas nas instituições museais. Nesses estudos, deslocamos o olhar investigativo para Maria Augusta Rui Barbosa e percebemos uma miríade de processos e articulações que não seriam captados a partir do olhar direto para Rui Barbosa. Ao analisar essa história a partir do protagonismo de Maria Augusta, encontramos, nos estudos de gênero, caminhos que dão significado às relações de poder que permeiam a trajetória dessa e de tantas outras mulheres.

Palavras-chave: Museologia; gênero; Maria Augusta Rui Barbosa; museu-casa; história das mulheres.

ABSTRACT

This article aims to demonstrate the trajectory of research on Maria Augusta Rui Barbosa developed within the scope of the Casa de Rui Barbosa Museum, presenting the results and challenges of each of the stages of development, highlighting the importance of combining the technical and academic characteristics with the activities developed in museum institutions. In these studies, we shift the investigative look to Maria Augusta Rui Barbosa and perceive a myriad of processes and articulations that would not be captured from a direct look at Rui Barbosa. When analyzing this story from the point of view of Maria Augusta's role, we find meaning in the power relations that permeate the trajectory of this and so many other women, which is grounded in a gender studies dynamic.

Keywords: Museology; gender; Maria Augusta Rui Barbosa; house museum; women's history.



Maria Augusta Rui Barbosa, história das mulheres e a historiografia

Os embates trazidos pelo campo feminista e da história das mulheres e relação de gênero muito contribuíram para as análises sobre as construções das identidades sociais. No fazer-se desse campo, os atravessamentos sobre as diferenças, dinâmicas, neutralidades complexificam o olhar para as relações de poder e reelaboram conceitos, categorias e objetivos da prática da história. A trajetória de Maria Augusta Rui Barbosa está profundamente marcada por essas questões. O silêncio e apagamento da história dessa mulher são quebrados por poucos episódios em que o cotidiano e a intimidade são deslocados para o centro da atenção da vida de seu marido, o jurista e político Rui Barbosa. Suas ideias, posições e articulações políticas aparecem para nós, pesquisadoras de 2023, como mensagens fragmentadas pelo tempo e escondidas pela mioopia do fazer histórico hegemônico. Entretanto as marcas estão ali, e para desvendá-las é necessário nos deslocarmos e buscarmos nas entrelinhas das notícias sociais dos jornais, nos lugares que frequentava, nas amizades mantidas e desfeitas, nas condecorações que recebera os vestígios que nos possibilitam vislumbrar sua ação e atuação como sujeita construtora da República brasileira.

Os estudos sobre Maria Augusta Rui Barbosa têm se mostrado ricos para o campo historiográfico da Primeira República nos âmbitos social, político e cultural. Maria Augusta não tem sido apenas uma personagem que redimensiona as atuações de Rui Barbosa, mas ela mesma aparece como um modelo de disputa da política brasileira que representava um ideal proposto para seu próprio sexo. É muito significativo conhecer sua história e perceber os movimentos políticos e sociais que a envolvem como mulher.

Debruçamo-nos numa vasta pesquisa na Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional e em bases iconográficas complementares. Esse trabalho resultou no encontro com uma rica fonte de documentação sobre nossa protagonista. Maria Augusta, uma grande dama da elite da capital da república brasileira, é objeto de interesse dos jornais do início do século XX e, mesmo que de forma

discreta, sem entrevistas ou grandes cenas, estava presente no cotidiano dos periódicos da capital republicana. A documentação sobre a vida social de Maria Augusta nos permitiu perceber desde sua participação ao lado de Rui Barbosa nas duas campanhas para Presidência da República encampadas por este até fragmentos do cotidiano de uma vida social com outras mulheres de sua classe, envolvidas em projetos de caridade como a Cruz Vermelha. Algumas dessas informações fortalecem narrativas de pesquisadoras que passaram pela Fundação Casa de Rui Barbosa e tiveram Maria Augusta Rui Barbosa como personagem central de seus estudos. Entretanto, outras fontes nos permitem ver que o papel desempenhado por Maria Augusta possuía uma importância política maior do que poderíamos esperar à primeira vista, principalmente tendo como referência os fragmentos da trajetória da personagem escritos até então.

A Carta das Mulheres e o feminismo na Primeira República

Uma reportagem publicada pelo jornal *Correio da Manhã* em 28 de fevereiro de 1910, véspera da mais concorrida eleição para Presidência da República no Brasil até aquele momento, ganha notoriedade e curiosidade devido à participação e articulação de mulheres em uma campanha presidencial do início do século XX. De acordo com o relato do jornal, trata-se de uma elaborada organização, na qual uma mensagem foi redigida e assinada por mais de mil mulheres, que ainda promoveram uma carreato pelas ruas do Rio de Janeiro, dirigindo-se em comitiva à casa da família do presidente eleito senador Rui Barbosa. Não se trata de algo pequeno ou corriqueiro, mas de uma tática de organização, alianças e visibilidade que exige planejamento, traçada por mulheres em sua participação política na construção da República brasileira.

O episódio chama atenção, hoje e em seu próprio tempo. Não é à toa que o jornal o coloca em primeiro plano, em meio a uma série de notícias sobre as movimentações na véspera das eleições presidenciais. A agitação causada pela mensagem de apoio das madames cario-

cas à esposa do presidente chamou atenção dos contemporâneos por sua articulação, conteúdo e forma. Se a iniciativa e o planejamento de tal ato, que envolve a busca por mais de mil assinaturas de mulheres em sua mensagem, nos fazem ter a dimensão do trabalho que tiveram para realizar tal feito, os nomes que integram a comitiva, enumerados pelo jornal, mostram a influência e o posicionamento que tais senhoras tinham na sociedade. São elas esposas de deputados, senadores, tanto civis quanto militares, além de empresários, todos parte integrante da elite carioca. É essa elite que escreve uma mensagem de solidariedade e apoio à madame Maria Augusta Rui Barbosa desejada como futura primeira-dama e representante dessas mulheres.

Eis a mensagem:

Dirigida em nome das damas cariocas, pela comissão abaixo assinada, à digníssima esposa do senador Ruy Barbosa. Exma. Sra. d. Maria Augusta Ruy Barbosa - Seja qual for o destino que as leis reservem um dia à Mulher, mulheres há sobre as quais sempre cairão as bênçãos da posteridade. Pode ser que essa posteridade não lhes conserve o nome. Mas seriam elas as primeiras a pedir o anonimato: elas se sentem brilhar intensamente na luz em que se brilham as pessoas que amaram; elas sabem que da auréola que cerca os nomes queridos, alguns raios lhe cabem; percebem que, sem o que fizeram, eles não poderiam chegar até onde chegaram. Esse é bem o caso de v. ex.

Que os homens louvem o talento extraordinário, a coragem lutadora, a pena adamantina, a palavra eloquente de Ruy Barbosa; enquanto o fazem, nós lhes pediremos para lembrar que esse talento, essa coragem, esse brilho da palavra escrita e da palavra falada não se teriam revelado desse modo, se não fosse a discreta, mas eficaz colaboração da companheira ilustre que o destino lhe deu. E ele será o primeiro a apoiar essa reivindicação.

Porque os homens que, às vezes, nos olhos da multidão, parecem ter destinos tão invejáveis, são na realidade dignos de lástima, se os não conforta a única felicidade que vale a pena ser disputada: a felicidade do lar. E, em compensação, muitos contra quem se diria que a sorte teve um furor incompreensível, iludiram-na perfeitamente, contrapondo-lhe a todas as amarguras aventura doméstica. Todo homem, para ser verdadeiramente feliz, precisa ter junto de si a dedicação de uma mulher. Que seja a de uma mãe. Que seja a de uma esposa. Que seja a de uma irmã. Que seja a de uma filha. Sem essa influência delicada, não se fazem as grandes obras [...].¹

¹ CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 28 fev. 1910. p. 3.

O conteúdo da mensagem escrita para a possível futura primeira-dama explicita um pouco as tramas do contexto político e social daquele momento. Elas começam, “Seja qual for o destino que as leis reservem um dia à Mulher, mulheres há sobre as quais sempre cairão as bênçãos da posteridade.” Ao evocar o futuro das leis sobre as mulheres, estão nitidamente tocando num assunto que fervilhava desde a Assembleia Nacional Constituinte de 1891:² os direitos, a cidadania da mulher e, claro, o voto feminino.

Nas primeiras décadas do século XX, as discussões sobre educação, trabalho e voto feminino estavam estampadas diariamente nas páginas dos jornais e causavam grande comoção e envolvimento do público. Todos tinham opiniões para dar sobre os caminhos do que era chamado de “feminismo”. Nos periódicos do início do século XX, há uma grande luta sendo travada por direitos à educação, trabalho, divórcio, aborto, casamento e, claro, o direito da mulher ao voto. Uma disputa que envolve a construção de imaginários, espaços e limites que intervinham na elaboração política e cultural do lugar destinado à mulher moderna e republicana. Em periódicos como *A Época*, *O Paiz*, *A Rua*, *Correio da Noite*, *O Imparcial*, *A Noite*, *A Notícia*, *Gazeta de Notícias*, *Jornal das Moças*, *A União*, *Careta*, *O Malho*, entre outros, encontramos intensas movimentações em torno da discussão sobre o lugar e papel da mulher. São matérias, cartas e artigos de diferentes sujeitos que opinam e debatem sobre os avanços do feminismo nas primeiras décadas da República brasileira.³

² A legislação eleitoral republicana acaba com o voto censitário, regulamenta a participação de estrangeiros de forma controlada e restrita e é concluída sem a explícita exclusão das mulheres da condição de eleitoras. É nessa brecha, na ambiguidade deixada pela Constituição de 1891, que algumas mulheres constroem uma estratégia para disputar a sua cidadania política. Cf. MARQUES, Maria Teresa Cristina de Novaes. Elas também desejam participar da vida pública: várias formas de participação política feminina entre 1850 e 1932. *Revista Gênero*, Niterói, v. 4, n. 2, p. 149-169, 2004.

³ Cf. FURTADO, C. S. Eugênia Brandão: uma mulher como protagonista na profissão-repórter. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11. & WOMEN'S WORLDS CONGRESS, 13., 2017, Florianópolis. *Anais...* Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499480393_ARQUIVO_EugeniaBrandaoUmaMulhercomoProtagonistanaHistoriadaProfissao-reporter.pdf. Acesso em: 10 mar. 2022.

Há uma verdadeira disputa nos jornais sobre o “problema social do feminismo”.⁴ Uma querela que envolve vozes entendidas como feministas e antifeministas, alianças e rupturas, que nos possibilita uma visão privilegiada sobre os embates e negociações em torno da arena que constrói o nome “feminismo” nas primeiras décadas do século XX. O grupo de *senhouras* cariocas que entregam a carta em homenagem a Maria Augusta parece se distanciar conscientemente do nome “feminismo”, que está em profunda formação e ebulição naquele momento histórico, e que comumente aparece nos jornais da época para designar posições favoráveis a mudanças em relação aos direitos das mulheres. Ainda assim, acreditam que os papéis sociais que desempenham são dignos “das bênçãos da posteridade” e que servem à nação brasileira por meio do trabalho de construção do lar e da família, configurando-se, como Margareth Rago chamou, as “rainhas do lar”.⁵ Ao ovacionar o papel desempenhado por Maria Augusta na construção do projeto político de Rui Barbosa, as mulheres que assinam essa carta demonstram acreditar no seu lugar para a manutenção e desenvolvimento da nação, cuja participação na política poderia ser simbolizada pelo papel de mãe dos futuros cidadãos.

Ao olharmos hoje para esse evento, nos surpreendemos ao ver o protagonismo de mulheres numa eleição na qual direitos ao voto e à cidadania plena lhes eram negados. É raro e valioso poder olhar para a campanha mais agitada da primeira República a partir de outros personagens que não sejam Rui Barbosa e seus aliados, que constroem a chamada “campanha civilista” contra o marechal Hermes da Fonseca e seus apoiadores. Em um mundo marcadamente dominado pelo poder exercido pelos homens, mirar essas mulheres nos permite compreender que elas são parte das disputas em torno da construção da República brasileira. Tal olhar amplia e torna complexa nossa perspectiva sobre as formas e relações de poder daquele momento. Elas não são acessórios ou ornamentos mani-

⁴ O “problema do feminismo” refere-se a um artigo do jornal *O Paiz* que aborda essa questão. Cf. *O PAÍZ*. Rio de Janeiro, p. 1, 27 maio 1912.

⁵ Cf. RAGO, Margareth Luiza. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar – Brasil, 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1985.

pulados por seus maridos para serem usadas no jogo político. Ao contrário, episódios como este noticiado pelo jornal revelam a existência de movimentação, organização, interesse e disputa sobre os desafios e ambiguidades da construção política e moral da República e da nação brasileira.

Curioso, entretanto, é perceber que essa construção está sendo feita por essas mulheres de forma direta, ativa, com nomes e sobrenomes citados nos jornais, ocupando as ruas com seus corpos em carreatas, buscando visibilizar seu projeto do papel a ser desempenhado pelas mulheres na sociedade, o qual Maria Augusta Rui Barbosa parece conseguir personificar.

Importante atentar para o fato de que este não é o único projeto em jogo sobre as mulheres na Primeira República. Olhemos por um instante para a configuração da disputa à Presidência pelo outro lado da moeda: o marechal Hermes da Fonseca e a futura primeira-dama dona Orsina da Fonseca. Esse candidato, que foi o vitorioso do pleito eleitoral, também obteve o apoio de mulheres para sua candidatura. A professora Leolinda Daltro, uma das precursoras do movimento feminista brasileiro, conhecida por ser fundadora e presidente do Partido Republicano Feminino (PRF), foi vigorosa na campanha de 1909, quando, junto com suas companheiras, fundaram a Liga Feminina Pró-Hermes.⁶ Leolinda e suas patrícias, entretanto, configuram um projeto diferente do apresentado em apoio à Maria Augusta Rui Barbosa pelas mulheres da elite carioca. A professora Daltro, baiana, assim como Maria Augusta, porém uma mulher da classe trabalhadora, sem origem aristocrática, com ascendência indígena,⁷ separada,⁸ não era reconhecida como uma grande dama da sociedade, mas era lembrada por outra bandeira de luta, a educação laica indígena, à qual dedicou parte da sua vida. Seu projeto para as mulheres daquela sociedade encampou propostas como

⁶ Sobre a formação do Partido Republicano Feminino, cf.: SANTOS, Paulete Maria Cunha dos. *Leolinda Daltro, a caminhante do futuro: uma análise de sua trajetória de catequista a feminista (Rio de Janeiro/Goiás – 1896-1920)*. 2014. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014.

⁷ *Ibidem*, p. 117.

⁸ *Ibidem*, p. 12.

o direito à educação, ao voto, à elegibilidade de mulheres, formação de cooperativas e até alimentação.⁹ Após a vitória de Hermes da Fonseca para Presidência da República, Leolinda Daltro funda a Escola Profissional para Mulheres Orsina da Fonseca, nomeada em homenagem à primeira-dama de quem se torna uma grande amiga e parceira nos projetos destinados aos direitos das mulheres.

Leolinda Daltro constrói um outro projeto para as mulheres, um projeto de cidadania plena republicana, com uma preocupação grande sobre o trabalho e o que era chamado na época de emancipação da mulher. Não é à toa que seu maior feito no quadriênio de Hermes da Fonseca é a Escola de Ciência, Artes e Profissão Orsina da Fonseca, idealizada para a educação e formação de meninas carentes. As preocupações da professora Daltro dialogam com interesses de classes diferentes de meninas e mulheres daquele momento, e chega a ter 1.522 meninas matriculadas e estudando gratuitamente em 1911.¹⁰ Leolinda não só possui um projeto de inclusão cidadã para as mulheres que difere das articulações e ações em volta da persona de Maria Augusta Rui Barbosa, como evoca o nome do feminismo como um de seus legados.

Talvez o grande desafio de olhar para a movimentação, atuação e posicionamento das mulheres daquela sociedade em torno da campanha presidencial seja conseguir entender a complexidade das relações que estão em construção, não sendo simplistas ou mecânicos os posicionamentos dos grupos de mulheres a favor de um ou outro candidato. A atuação das mulheres nesse pleito eleitoral, e na política da Primeira República, requer maior atenção e precisa ser analisada ao longo do desenvolvimento e continuidade de pesquisas sobre Maria Augusta Rui Barbosa, buscando entender as nuances que estão em jogo entre os projetos por elas encampados e suas diferenças e intersecções políticas, de classe e raça.

Mulheres com projetos diversos que pensam o papel e a cidadania das mulheres de forma diferente para a República brasi-

⁹ *Ibidem*, p. 125.

¹⁰ Essa informação está em uma reportagem de *O Século* (1919) sobre uma tentativa de despejo da escola em 1916. Nessa ocasião, o periódico entrevistou Leolinda Daltro sobre a ameaça de despejo. *O SÉCULO*. p. 1. Rio de Janeiro, 25 jan. 1916.

leira por vezes são as mais “respeitáveis”, caridosas e obedientes “rainhas do lar”; Mas também eram autoras de gestos políticos que desviavam da cartografia desenhada entre territórios amigos e inimigos de seus esposos. Prova da complexidade que envolve a questão está em uma passagem de um relato sobre dona Maria Augusta feito por Antônio Joaquim da Costa, mordomo¹¹ que trabalhava na casa da família Rui Barbosa em Botafogo.

Nobreza de caráter

Eis um fato que mostra bem a nobreza de caráter de Dona Maria Augusta. Ficando por questões políticas brigados Rui Barbosa e Hermes da Fonseca, deixaram de visitar-se como era natural as duas esposas dos dois políticos. Mas sabedora que Dona Orsina da Fonseca se encontrava gravemente enferma, apresentou-se no palácio para visitá-la, e não podendo ver a amiga, por proibição médica, lá deixou seu cartão de visita, retirando-se em seguida. Que delicadeza de sentimento nos mostra esse gesto cortês de Dona Maria Augusta que, pondo de lado as convenções sociais, foi confortar a sua antiga amiga, demonstrando grandeza de caráter - seu traço predominante.¹²

A citação acima é parte do relato memorialístico escrito por Antonio Joaquim da Costa, que foi empregado de Rui Barbosa na Vila Maria Augusta desde julho de 1909. O livro de memórias de Antônio busca mostrar um pouco da vida cotidiana do conselheiro Rui Barbosa no casarão da Vila Maria Augusta. Esse documento torna-se ainda mais valioso por fugir dos modelos da velha História dos grandes feitos, centralizada no sujeito universal homem, e engessada nas superfícies das estruturas hegemônicas de poder que acabam por construir narrativas unívocas na escrita da História. De forma ampliada, esses relatos de memória da vida cotidiana abrem uma brecha para aproximarmos-nos de fragmentos de outras personagens e relações de poder que compõem aquele universo no qual emerge o senador, a Águia de Haia, o quase-presidente do

¹¹ A referência a Antonio Joaquim da Costa ser mordomo do palacete da São Clemente é feita por Rejane Magalhães. Cf. MAGALHÃES, Rejane Mendes Moreira de Almeida. *Rui Barbosa na Vila Maria Augusta*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2013, p. 43.

¹² COSTA, Antônio Joaquim da. *Rui Barbosa na intimidade*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1949, p. 55

Brasil por duas vezes, e um dos mitos erigidos nas disputas das memórias da construção do imaginário republicano.

Maria Augusta Rui Barbosa aparece na citação acima quebrando convenções e buscando sua antiga amiga, a então primeira-dama Orsina da Fonseca, em seu leito de morte, mesmo depois de seus maridos terem se tornado arqui-inimigos após a campanha presidencial em 1910. Essa informação nos permite flagrar um movimento de autonomia de Maria Augusta cuja importância é sublinhada pelo próprio Antônio ao destacar a nobreza de caráter da senhora por deixar as convenções de lado, ou seja, deixar a rixa do marido com o presidente Hermes em segundo plano e dirigir-se ao Palácio do Catete para encontrar sua amiga. Um movimento autônomo, de independência, que revela uma pequena brecha por meio da qual podemos vislumbrar seu caráter forte, sua personalidade complexa e um pouco da sua importância e influência naquela sociedade, além da própria construção afetiva entre mulheres, forjada no cotidiano do fazer político do país. O afeto mostrado publicamente por Maria Augusta à dona Orsina da Fonseca revela algumas coisas interessantes, como, por exemplo, que as diferenças ideológicas e políticas entre os dois candidatos não afetavam a admiração mútua das duas mulheres que se reconheciam numa relação de amizade. Não se trata apenas de cortesia e bons modos, pelo contrário, a ação de Maria Augusta em ir ao Palácio do Catete poderia contrariar Rui Barbosa, poderia gerar fuxico na imprensa, mas, ainda assim, era importante o suficiente para ela ir. Se fossem mulheres que se desprezassem, que não se admirassem, que não compartilhassem de determinados valores e princípios mútuos, a rixa entre os dois maridos seria o suficiente para que não precisassem conviver. Mas o ato de Maria Augusta descrito por Antonio mostra que não era este o caso, que as duas mulheres criaram laços afetivos importantes para que fossem ultrapassadas determinadas barreiras públicas e sociais.

Maria Augusta aparece como representação de um projeto do papel da mulher para aquela sociedade. É preciso alcançar a complexidade da figura feminina que Maria Augusta representa em seu contexto histórico, em conformidade com um projeto de nação e modernidade experienciado em seu próprio corpo, desde a forma

de se vestir, os seus modos e gestos, a forma como é vista pela sociedade a que pertence, e, principalmente, pela forma como é solicitada, presenteada, referendada por grupos que pretendem, de diferentes formas, estar dentro da representatividade evocada pela figura pública dessa importante mulher.

Este artigo, frutos de pesquisas realizadas sobre Maria Augusta, busca contribuir para a construção de sua trajetória ao desvelar o fazer político de um sujeito histórico ocultado pelo que Joan Scott chamou de *gender blind*¹³ da escrita da História pretendida como universal. É importante perceber que, mesmo sendo referenciada por seus contemporâneos, fonte de interesse dos jornais, na escrita da História que desenvolve o personagem Rui Barbosa como parte fundadora da República brasileira, Maria Augusta aparece apenas em fragmentos, em relatos secundários, nos quais é deixada à margem no seu papel de mulher e “rainha do lar”. Apenas quando se torna protagonista de uma pesquisa, é que conseguimos enxergar sua participação no fazer político para além do mundo da casa e miramos a importância de sua vida pública no seu tempo. Até então, Maria Augusta chegava para nós como recorte de relatos de memória que traziam algum episódio da intimidade do casal, que discutiam sobre sua beleza e altura ou, ainda, se era uma mulher instruída ou de pouco intelecto.¹⁴ Ao focar na construção da memória de Rui Barbosa, a historiografia apagou Maria Augusta, deixando-lhe um papel secundário, sem holofotes, deixando a carta entregue pelas mulheres naquela eleição de 1909 como uma profecia, na qual ela deveria apenas “brilhar intensamente na luz em que se brilham as pessoas que amaram”.¹⁵

Maria Augusta Rui Barbosa: um despertar histórico

As pesquisas desenvolvidas sobre Maria Augusta Rui Barbosa pelo Museu Casa de Rui Barbosa têm sucessivamente comprovado

¹³ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul-dez. 1995.

¹⁴ MAGALHÃES, Rejane Mendes Moreira de Almeida. *Op. cit.*, p. 72.

¹⁵ CORREIO DA MANHÃ. p. 3. Rio de Janeiro, 28 fev. 1910.

este seu papel, como uma figura relevante no contexto de criação do Museu Casa de Rui Barbosa e na disputa, confirmação e perpetuação da imagem pública de Rui Barbosa após sua morte. Sem o empenho e entendimento de Maria Augusta sobre a figura de seu marido, a entrada deste na História poderia não ter sido tão efetiva. Apesar de sua importância, ainda são poucos os estudos sobre a anfitriã dessa casa e muitos os obstáculos que cercam a legitimidade e valor atribuídos a essas pesquisas. Ao longo dos anos foi corroborado, pelas próprias equipes do museu e da Fundação Casa de Rui Barbosa, seu papel marginal e acessório ao marido e à instituição. Procedimento que pode ser explicado, porém não justificado, considerando-se os resultados dos projetos desenvolvidos desde 2016, nos quais nenhum material escrito pela própria Maria Augusta foi encontrado até então, e o que conhecemos sobre ela é fruto de relatos de família, de pessoas próximas, de bibliografias sobre Rui Barbosa e família, além dos arquivos institucionais, como os cadernos de contabilidade de Rui Barbosa e as cartas à noiva. A ausência de fontes que nos permitam escutar Maria Augusta diretamente não é algo espantoso, dada a frequência dos silêncios impostos às mulheres na construção da história oficial. Por esse motivo, buscamos alternativas que nos permitam construir uma história que abarque a complexidade e importância desse sujeito histórico.

Pesquisar sobre Maria Augusta Rui Barbosa não é tarefa simples, implica se deparar com as lacunas e silêncios da história, o apagamento das mulheres e a desvalorização de suas atuações nas diferentes esferas da vida pública, ou mesmo privada. A invisibilidade e descaso que encontramos no processo de narrar a história de Maria Augusta não é um fenômeno isolado, mas estrutural da própria disciplina, como denunciado pela história das mulheres.

Em uma resumidíssima biografia para fins de contextualização, temos, baseadas em citações de publicações que tratam basicamente sobre o personagem Rui Barbosa ou a constituição da instituição Museu Casa de Rui Barbosa, que Maria Augusta Viana Bandeira nasce em Salvador, Bahia, em 23 de outubro de 1855, no seio de uma família aristocrática, mas em declínio financeiro. Seus pais eram o funcionário público Alfredo Ferreira Bandeira e a dona de casa Maria Luísa Viana Ferreira Bandeira. Em 23 de novembro

de 1876, casou-se com o jurista Rui Barbosa, passando então a ser conhecida como Maria Augusta Rui Barbosa. Faleceu aos 93 anos, em 27 de abril de 1948, 25 anos após o marido.

Ao longo da vida conjugal, segundo a biografia de Rui Barbosa,¹⁶ Maria Augusta se apresenta como uma companheira influente e participativa em ações notórias da trajetória política do marido, estando presente em decisões como a mudança para o Rio de Janeiro (1876), a compra da casa da rua São Clemente (1893), o exílio político na Inglaterra (1893-1895), a participação na Conferência da Paz em Haia, na Holanda (1907), as campanhas presidenciais (1910 e 1919), e tantos outros eventos fundamentais à trajetória do senador. Já no período de viuvez, Maria Augusta dedica sua vida a um projeto de construção da figura histórica que representa hoje a memória de seu marido, tendo como elemento mais significativo a musealização de sua residência, localizada na rua São Clemente, 134, no bairro de Botafogo, Rio de Janeiro.

A sistematização da pesquisa sobre Maria Augusta Rui Barbosa

As investigações sobre Maria Augusta, realizadas de maneira contínua e sistemática, foram iniciadas em 2016 a partir do projeto de pesquisa “Os quimonos de Maria Augusta Rui Barbosa: pesquisa, conservação e acesso ao público”, fomentado no âmbito da iniciação científica, e focado em estudar dois quimonos da matriarca em sua totalidade – isto é, desde sua origem, história, materialidade, nomenclatura – a fim de propor metodologias de conservação e de expografia para as peças, baseadas nas informações coletadas sobre os vestuários e a vida de Maria Augusta Rui Barbosa.

O escopo, portanto, possuía um foco específico em tópicos dos campos da Museologia e Conservação, ainda muito direcionado aos objetos a serem estudados, baseando os estudos na biografia cultural dos objetos, compreendida como a construção de memórias, recorda-

¹⁶ VIANA FILHO, Luiz. *A vida de Rui Barbosa*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1943.

ções e descrições dos objetos e seus usuários por meio de um método de produção biográfica de pessoas¹⁷ e cultura material, que, segundo Jules David Prown,¹⁸ pode ser assimilada como o conjunto de valores e significados que determinada cultura dá aos objetos.

Naquele primeiro momento, Maria Augusta, enquanto personagem histórica, ainda era elemento complementar do estudo daqueles objetos. Com isso, inicialmente, Maria Augusta seria estudada e lembrada através de dois de seus objetos presentes no acervo no MCRB. As informações que basearam a produção nessa etapa foram obtidas através das fichas catalográficas dos quimonos, de entrevistas com familiares e ex-funcionários do FCRB, depoimentos para o Projeto Memória de Rui, consulta ao material do Serviço de Arquivo Histórico e Institucional, consulta à Hemeroteca Digital, consulta a livros que falavam ou referenciavam Maria Augusta, matérias de jornais, além da consulta aos quimonos, compreendendo objetos como fonte informacional.

Essa primeira pesquisa enfrentou todas as dificuldades cabíveis ao ineditismo que permeava a proposição, tais como a necessidade de mostrar-se relevante e as dificuldades de fontes. Como é comum a pesquisas sobre mulheres da Primeira República, parece ser necessário sempre incontáveis ações comprobatórias para que o meio acadêmico, por tradição tão masculino, reconheça o lugar de atuação de uma mulher, sugerindo por repetidas vezes que este seja interpretado a partir da atuação de algum personagem masculino que a cerca.

Tivemos como produtos principais desse primeiro estudo a organização de uma biografia preliminar de Maria Augusta Rui Barbosa, identificada como “História e origem”, além do embasamento de elementos informacionais sobre o acervo em questão, como: aquisição das peças, possibilidades de localização temporal por meio de visitas técnicas e a própria nomenclatura quimono que foi questionada,

¹⁷ KOPYTOFF, Igor. “A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo”. In: APPADURAI, Arjun. *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: EDUFF, 2008.

¹⁸ PROWN, Jules David. *Mind in matter: an introduction to material culture theory and method*. *Winterthur Portfolio*, Chicago, v. 17, n. 1, p. 1-19, 1982.

posto que essas roupas não são quimonos tradicionais. O segundo, chamado de “Materialidade”, tratou especificamente da composição dessas indumentárias, consideradas cetim de seda com bordados em fios metálicos e outros fios de origem vegetal (provavelmente algodão), além de metodologias, procedimentos e aplicação de técnicas de conservação e expografia. A pesquisa recebeu dois prêmios: comunicação premiada na XII Jornada de Iniciação Científica da Fundação Casa de Rui Barbosa e menção honrosa na sessão de pesquisa da SIAC (Semana de Integração Acadêmica da Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Belas Artes).

A pesquisa gerou uma série de produtos, como artigos, apresentações e monografias, mas os principais resultados foram a reafirmação da relevância de Maria Augusta para a constituição do MCRB e sua importância na vida e nas decisões de Rui Barbosa bem como o fomento para novas pesquisas sobre ela. Maria Augusta passou da posição de mulher-enfeite para o lugar de personagem que participava ativamente das ações de seu marido, além de ter sido a responsável por deixar para a posteridade uma das principais instituições de pesquisa em atividade no Brasil.

Numa etapa posterior, entre os anos de 2018 e 2019, desenvolveu-se o projeto “Pensando a mulher através da indumentária: trajetória de Maria Augusta Rui Barbosa a partir de suas roupas”, ainda focado em um conjunto de acervo relativo à Maria Augusta Rui Barbosa, mas já direcionado a explorar a personagem histórica, principalmente levando em consideração sua rede de relações e hábitos de consumo. Sobretudo, essa pesquisa entendia a necessidade de destacar a participação de Maria Augusta Rui Barbosa na vida pública e privada de Rui Barbosa, buscando aprofundar o entendimento sobre essa figura que já estabelecia sua importância para a institucionalização do Museu Casa de Rui Barbosa. Os caminhos de valoração dessa personagem têm possibilitado novas questões sobre ela própria e tantas outras figuras que habitaram a Vila Maria Augusta, como era conhecida a casa em seu tempo de residência familiar, que até hoje permanecem invisibilizadas.

Em 2020, fora do âmbito das bolsas de pesquisa do MCRB, iniciou-se uma pesquisa sobre o vestido de Maria Augusta que está em

posse do museu e por ela usado na abertura pública da instituição, em 13 de agosto de 1930. Essa peça possui particularidades significativas: além de compor o acervo museológico do MCRB, é o único item que detém registro fotográfico de uso, no dia anteriormente citado. É válido comentar que essa investigação não apenas reafirmou a relevância de Maria Augusta Rui Barbosa, mas cravou seu nome como construtora do museu. Como resultado, obteve-se a dissertação denominada *Delineando trajetórias através da roupa: Maria Augusta Rui Barbosa*.¹⁹

Ao desvelarmos a atuação de Maria Augusta Rui Barbosa, nos confrontamos com as construções memorialísticas que a descreviam exclusivamente à sombra de Rui Barbosa, além de percebermos melhor as nuances sobre sua atuação, articulação e o complexo papel que desempenhava no fazer político da família Rui Barbosa. Fica nítido que o deslocamento do olhar investigativo para Maria Augusta Rui Barbosa revela uma miríade de processos e articulações que não seriam percebidos a partir do olhar direto para Rui Barbosa e da história contada a partir dos grandes homens, feitos e marcos. A figura de Maria Augusta nos permite vislumbrar outros caminhos e disputas, em torno da nação, modernidade, República e cidadania que estão em jogo na arena política daquele momento. O papel social desempenhado por Maria Augusta, como mulher, é construtor da República brasileira. Ao tomarmos a premissa de Joan Scott, desenvolvida no artigo considerado fundador dos estudos sobre as relações de gênero, lançado no fim da década de 1980, no qual a autora propõe que “gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”,²⁰ o papel da mulher e a *persona* Maria Augusta ganham outro peso e dimensão.

Considerações

Se os estudos de histórias de vida possibilitam compreender como sujeitos sociais se entrecruzam em relações e como se cons-

¹⁹ SOUSA, Gabriela Lúcio de. *Delineando trajetórias através da roupa: Maria Augusta Rui Barbosa*. 2022. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

²⁰ Cf. SCOTT, Joan. *Op. cit.*, p. 88.

tituem como pessoas sociais,²¹ a perspectiva analítica de gênero permite revelar as relações estruturais de poder que constituem os papéis sociais, generificando a perspectiva ao analisar a arena simbólica no qual os personagens estão inseridos. Nesses entrecruzamentos, no fazer-se das relações e tomando o gênero como uma categoria útil de análise, conseguimos abrir um caminho que redimensiona a personagem Maria Augusta Rui Barbosa e sua atuação na construção da República brasileira.

Ademais, é de grande importância reconhecer a relevância de Maria Augusta em outros âmbitos nos quais ela se fez presente e foi igualmente apagada, como a sua posição enquanto conselheira de Rui Barbosa – posto que momentos de grande valia para a carreira do polímata foram influenciados por ela, como a sua presença na Conferência da Paz em Haia em 1907 – e a criação do MCRB, que só existiu pelo seu interesse em vender o conjunto biblioteca e residência para o governo brasileiro, obtendo, assim, menos lucro financeiro, mas reiterando o nome de seu marido, e consequentemente o seu próprio, na história brasileira.

É comum delegarmos excesso de expectativas às mulheres e desconsiderarmos os feitos, por vezes aparentemente menores, realizados por elas. A mesma ação julgadora não é normalmente aplicada a homens, que têm suas práticas costumeiras tratadas como relevantes. Analisando a trajetória de Maria Augusta, nota-se essa desconsideração de seus feitos e, mesmo após a realização de uma série de pesquisas e da reverberação de sua importância, é ainda muito necessário publicizá-la e lutar para que sua história seja contada e aceita nos meios acadêmicos e não acadêmicos, lembrando que, independentemente de sua classe social, mulheres ainda lutam para existir.

²¹ Sobre trajetórias, cf.: MURILLO, Aline Lopes. O uso das biografias nas pesquisas antropológicas. *Revista Perspectivas Sociais*, Pelotas, ano 2, n. 1, p. 2-10, mar. 2013, p. 3.

Anna Gabriela Pereira Faria | Mestre em Museologia e Patrimônio pelo PPGPMUS da UNIRIO/MAST, é museóloga/tecnologista da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB). E-mail: gabriela@rb.gov.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5176543148527536>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6958-5316>.

Cristiane Silva Furtado | Doutoranda em Memória Social pela UNIRIO, mestra em História Social pela PUC-Rio. Foi bolsista do Museu Casa de Rui Barbosa na pesquisa “Objetos que contam história: as condecorações de Maria Augusta Rui Barbosa construindo uma trajetória”. Principais publicações: A Gigante Brasil Industrial: herança e modernidade no Vale da Paraíba na segunda metade do século XIX; Eugênia Brandão: uma mulher como protagonista na profissão-repórter. Email: crissfurtado@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4296826507062685>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-3615-7070>.

Gabriela Lúcio de Sousa | Doutoranda em Museologia e Patrimônio pelo PPGPMUS da UNIRIO/MAST e mestra em Ciência da Informação pelo PPGCINF-UnB. Volunteer collaborator/ produtora de conteúdo na Association for Heritage Preservation of the Americas (APOYOnline). E-mail: gabriela.lucio@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4426250085374325>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8214-7003>.

[<< Voltar ao início](#)